



JERUSALEM.—O JARDIM DE GETHSEMANI

(A colossal oliveira uma das mais antigas do mundo, que assistiu á agonia de Jesus Christo)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

r. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia

83, R. dos Martyres da Republica, 91

BRAGA

CONDICÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 3\$000

Semestre 1\$500. Trimestre 750, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregado

acresce o importe das despesas

Extrangeiro—Um anno, 3\$600.

Numero avulso, 80 reis

CAPAS PARA OS COLLECIONADORES DA 'ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA,'

Temo-las já impressas, a 440 réis

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez Successor da Veneravel Irmandade dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'ete Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pallavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas d'Oliveira residente na rua de 5 de Outubro, n.º 80 em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Afonso do Paço, capellão da Misericordia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel do Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parochio de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaca.

Os Reverendos Ievs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestatam todos os esclarecimentos, facilitam as admissoes, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livreria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero

V A G O

Estampas

para a enthronização do S. Coração de Jesus,
pressas finamente a duas côres. Cada exemplar, 00 remis
Pelo correio, 65 rs.

Pedidos á administração dos «ECHOS DO MINHO»
BRAGA

Collegio de S. Thomaz d'Aquino

BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos
para o curso dos Lyceus, Commercial e
Instrucção Primaria..

V A G O

ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica



Proprietario, Joaquim A. Perelra Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Velloso

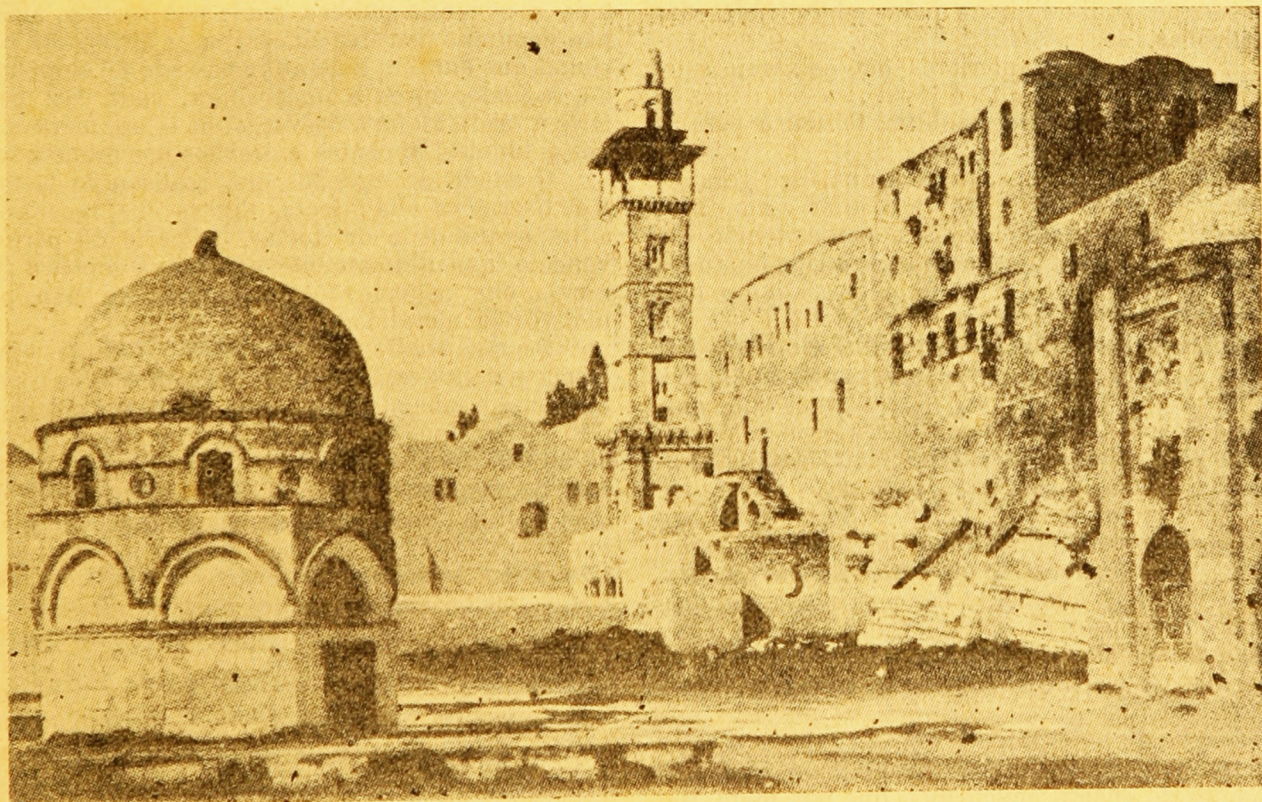
EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Pelxoto.

Braga, 5 de Janeiro de 1918

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 236—Anno V



JERUSALEM—A Torre Antonia

CHRONICA DA SEMANA

De anno para anno...



ANNO que vae, anno que chêga. Atira a gente o olhar para o ingrato scenario, dos tresentos e sessenta e cinco dias escoados na ampulheta da terrivel parca—como dizem os poderosos descendentes de Accacio—e volta de lá com elle cansados da rapida movimentação dos quadros tristes; aborrecido das empofias dos *nouveaux riches* apontando ao bom sólsinho destas terras aradas por tanta afronta as suas repleções estomacaeas; farto do sirandar da fantochada dos politicos que um rasgo audaz dos soldados, victimas da sua filancia arrogante e da sua desapiedada consciencia, derrubou e espatifou ahi pelos primeiros frios e geádas de dezembro...

—Inda tivémos sorte, observava-me alguém ha dias, a proposito d'esse fétido empestante de publica escandaleira, manobrada sem o aprumo de um Arsenio Lupin homem d'Estado, que caracterizou o abandono das cadeiras do poder pelos bandos democráticos. Inda tivémos sorte. O frio e a geáda abafam e calcinam melhor o lôdo e os miásmas dos pantanos. Imagine v. toda essa montureira a exhalar sob caluras tórridas de julho!

O anno, com efeito acabou bem, mas muito mal cheiroso, além de se haver assignalado como um dos annos mais caros ao paciente contribuinte de sangue e de dinheiro para sublimidades das quadrilhas.

E se os annos anteriores não deixáram saúdades, este—o diábo que o lêve... salvo o mez de dezembro, e não léva nenhum thesouro para as profundas!

Não estou porém, aqui a dar balanço geral ás contas de nossa casa, nem a cesurar carnes bem fornidas, nem muito menos a perder tempo em arredondar metaphoras a uma saúde encruada pelo arrependimento, visto sêr já assente que o Zé é de uma dureza craneana irresistivel á broca dos sillogismos da psychologia politica e de uma fraqueza de vontade que desconcerta não só os alvitreiros como tambem os que se fiam na sua coherencia de governado. Ajuizar em tal causa, é mau officio para mim, n'esta página ligeira de anotador. Enucleie quem quizér esses tumores.

Mas se me recuso a dar balanço geral aos acontecimentos do anno findo, nega-se-me a penna a partir, cavalgando o alado corcel da imaginação, pelo terreno estreitamente concedido aos vaticinadores do anno que chêga; planisando o progressivo desenvolvimento do paiz; alentando almas enfraquecidas com representar-lhes as miragens intrestelladas d'uma perfeição moral e material sem parêlha no globo, miragens que são, n'estes tempos de fome e guerra, o unico espiráculo d'ellas. E' egualmente género novellistico que não tento. Resumo, como christão, as duas tarefas em duas phrases. Digo ao anno que se foi: *graças a Deus* e repito; obstinadamente ante o que começa eloquente *Deus super omnia* do Borda d'Agua. Eis tudo e o leitor que faça o mesmo se não quér errar, n'este ininterrupto succeder de surpresas cujos engates logicos passam a nossos olhos despercebidos, embora sejam fundidos no metal puro da mais pura das realidades.

Agora ainda, muitos se espantam do triumpho revolucionario de Lisbôa e todavia elle era o des-

fecho logico da animadversão publica contra a violencia enlodada e cynica do poder. A athmosfera dos erros governativos produziria fatalmente aquelle acto libertador. O descontentamento era enorme, a repugnancia absoluta e profunda. Desde que elles atingiram os sabres e as espingardas empunhadas nas fileiras por duas gerações pelo menos de portuguezes desafectos ao afonsismo, que Norton inadvertido chamou sempre a sonhar com mandar gente para França e já delirante do poder que o fizera rico;—haviám de concretisar-se. No alto da Avenida? Em qualquer parte. Atraz e ao lado de Sidonio Paes? Atraz e ao lado do primeiro *homem* que surgisse. Afonso Costa e os seus eram os garantés da nossa intervenção na guerra,—dizia-se. Pois tiveram arte de pôr contra si uma força enorme que só em Lisbôa se manifestou mas que é efectiva em todas as casernas do paiz: o áscro sincero do soldado. Tenho-o ouvido dizer mais de uma vez.

—Estamos promptos a partir mas não queremos ir como vendidos. Não somos gado.

Isto é authenticico e *ipsis verbis*. Não phantasio. E foi isto mesmo que atirou a terra o dictador, sobre um montão de centenas de mortos e feridos; como foi a audacia do partido democrático, então unido, que o manteve no poder sobre o lixo de toda a covardia publica, ainda não varrido, ainda não depurado por essa sincera onda de revolta nacional que durante todo anno passado foi empolando, rugindo, surda e ameaçadora, cada vez mais forte á medida que a desvergonha ia augmentando nos gabinetes, recantos e desvãos dos ministérios.

O estado de espiritos que realisou de facto o 8 de dezembro está intacto. Contra elle, reconhece a impossibilidade de lutar, a parte do partido vencido que ultimamente protestava contra a gerencia dos negocios politicos, embora não por motivos de moralidade.

Os que subiram e grangearam fortuna, esses dispõem-se a gosal'a a salvo da policia e das syndicancias, sabendo bem que as tranquibernas descobertas lhes védam o accesso ao poder. Meche-se apenas a jolda criminosa, horda, assalariada, bem comida bem bebida e bem ensopada nas orgias nocturnamente baixas das *maltas*, que se vê em riscos de ir comer o pão duro dos cárceres se não ficar a esfaquear hoctivagos e tendeiros altas horas, nos bairros pôdres dos burgos.

Emquanto porém, aquelle espirito da revolta se mantiver serenamente energico e capaz de dar um castigo tremendo; a contrarevolução é uma aventura e os democráticos só as tentam quando teem a certeza que ha poltrões nos quartéis em numero suficiente para espingardar pelas costas os bravos cadêtes de Escola de Guerra..

Tenham a certeza d'isto os timoratos. Resta-lhes apenas que façam retomar á espinha dorsal a verticalidade do brio e desamarfahem a consciencia esmagadoramente atribulada pelo mêdo. Aprumados são *homens*. Encolhidos, balbuciantes, desconfiados, são minhócas. E Afonso Costa *nunca* pôde nem poderá passar por cima de homens para ir jantar durante um anno no ministerio das finanças, mais os seus excellentissimos ajudantes...

F. V.

Vida Intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

Carta a X...

X revolucionario de profissão e burocrata por *diletantismo* escreve-me jurando e rejurando que d'esta vez é que a republica se salvou. (e já vamos na quarta) tentativa de salvamento para dar emfim ao paiz a tranquillidade e a paz que tão ardentemente ambiciona. E logo depois de resuar logares communs para defender o vermelhismo —(Deus louvado, são todos os mesmos) —apella para o patriotismo dos monarchicos, para desbravar o aspero caminho por onde tem de rolar em viagem derradeira, a desconjuntada carriola republicana. X... afinal ou é muito ingenuo ou não passa d'um impostor vulgar, mascarado de conservantismo mas no fundo pintado e repintado do mesmo sectario verde e vermelho, que é afinal a côr de todos os corypheus d'este regimen.

Acreditar que a republica se consolide, depois dos descabros, dos escandalos, dos verdadeiros latrocinios commetidos, que não são obra dos homens mas expressão do regimen, tom moral de todas as republicuetas afinal é mais do que uma ingenuidade é um obstinado e criminoso fanatismo.

X... não sabe o que diz. A republica só pode viver pelo terror; só pode imperar pela força e só pela força não se poderá manter. É um regimen que só predomina pelo odio e só esvurmando odio poderá arrastar uma existencia incerta de inquietações e d'incertezas.

A formiga cinzenta do alveitar do Calhariz é tão feroz e tão negregada, como a moribunda formiga branca do sr. Affonso Costa, differem tão sómente no que pode distinguir uma formiga d'oposição d'uma formiga de governo. Os processos são os mesmos, são identicos os fins e o sr. Sidonio, calcando uma e acariciando outra, está longe de servir os interesses do paiz.

No dia em que bater á porta do eleito-rado, este governo, nascido d'uma revolução para derrubar a formiga, terá fatalmente de crear outra formiga.

A situação actual oscilla entre o centrismo que quer crescer e o camachismo que deseja medrar; não serve o paiz, serve os

inconfessaveis interesses de duas clientellas agachadas, mansas por calculo mas promptas a morder ao primeiro rebate de força, E n'esse dia, o sr. Sidonio, com todos seus bons desejos e as suas boas intenções, terá fatalmente de passar da imponente categoria de sol, a pequeno satellite d'um dos soes que ajudou a erguer por entre as borrascas d'uma tempestade de violencias, tão apaixonadas e tão ferozes já como aquellas que os seus canhões revolucionarios, esbo-roaram na Rotunda, na manhã libertadora d'um dezembro distante. E terá o seu fim, liquidará victima da sua orientação e da sua fraqueza e só a si, sómente á sua brandura poderá exigir então as severas responsabilidades da sua obra inteiramente inutil.

Poderia ter enveredado para um governo militar que se appoiasse na forte corrente conservadora do paiz e foi obstinado e cego para um governo heterogeneo nascido e creado para uso e abuso de dois partidos fracos, que pretendem medrar.

Podendo conquistar o apoio dos conservadores preferiu lançar-se n'um conservantismo vermelho que só existe como rotulo d'um bando, porque n'esta republica não pode haver, não ha, conservadores, o que ha, e isso estamos fartos de vêr meu ingenuo X... é demagogos pardos e demagogos encarnados; uns agachados por calculo á espera do momento propicio para o salto, outros tripudiando e humilhando tambem, no delirio embriagador do poder.

E quer o meu revolucionario entusiasta, consolidar assim um regimen, quando sómente pretende engrossar e fortalecer uma facção!? Os revolucionarios de Dezembro desejaram talvez salvar o paiz; os seus mandatarios de janeiro, conscientemente ou inconscientemente, só procuram salvar o camachismo, dar realidade politica ao sonho centrista do sr. Egas Moniz.

E agora veremos na proxima carta da situação dos monarchicos perante esta situação e avaliaremos do patriotismo de X... e de todos os varios XX republicanos que em materia de patriotismo são positivamente como o moleiro de Murça, ou o homem das duas maquinas dos velhos reportorios.

E vamos rir...

SERÕES AMENOS

DE FREY GIL DA SOLEDADE,
EGRESSO DA FALPERRA.

XX

A pinha colossal



pinha e os pavões. Porque o par de pavões faz parte da minha demonstração. Note o leitor, ainda uma vez, que esta demonstração visa apenas a provar como é fácil, a uma pessoa medianamente versada em cartapacios, aldrabar a historia das origens do christianismo, *demonstrando* que Christo nunca existiu... á Theophilo Braga.

Em primeiro lugar dizia o periodico citado que *era crença antiga* ter aquella pinha adornado a *Mole Adriana*. Portanto, um elemento já por nós: a veneravel tradição. Nem colhe o argumento que contra ella se apresentou: a desproporção entre as dimensões da pinha e as da *Mole Adriana*. A isto replico:

1.º—Que a crença era, segundo se lê no artigo transcrito, que a pinha *ornava* o monumento; e não que o *ornava* necessariamente no cucuruto.

2.º—Que, se Carina, ao reconstruir idealmente a *Mole*, collocou a pinha no alto, mas dando-lhe os oito metros exigidos pela proporção, procedeu arbitrariamente. A pinha podia ornar o monumento sem ser no alto; tanto mais que outros reconstructores ideaes collocam lá em cima uma quadriga, como o artigo admite e o leitor pode ver na reconstrucção de Vaudremer, reproduzida a pag. 101 da *Histoire des Romains* de Duruy, vol. V.

3.º—E aqui desbarato a minha sagacidade: se a pinha tem os taes orificios indiciadores do seu emprêgo como fonte, é claro, como a agua que delles espirrava, que a pinha e o respectivo pennacho d'agua já perfaziam os 8 metros exigidos pela proporção para que a pinha só não fizesse lá no alto mesquinha figura!

Mas deixemos tão somenos argumentos e vamos a melhores. Que os pavões pertenciam á mesma obra de arte de que a pinha era centro, tenho-o por certo. O par de pavões ladeando um monumento central encontra-se já em epocha anterior a Adriano, como se pode ver na reproducção graphica de umas pinturas de Pompeia na citada historia de Duruy.

Quanto ao symbolismo de uma pinha-fonte e dois pavões, vamos ver que convém admiravelmente a Adriano. Historiemos em escorço: Adriano teve na vida um enormissimo desgosto. Amava doidamente um bithynio chamado Antinoo, parece que com amores depravados, segundo corre nos livros dos Santos Padres e outros auctores christãos, ou como méro amigo particular e dedicado, segundo Herr Ebers, auctor allemão, no seu romance *Der Kaiser* (*livral*).

O certo é que viajando Adriano pelo Egypto, morreu-lhe Antinoo, quem uns que afogado por desastre no Nilo, outros que immolado espontaneamente á boa sorte do amigo imperador—sendo assim uma Ephigenia... de barbas (Nota importantissima: os meus estudos particulares sobre as barbas aavez dos seculos, estudos de que darei conta em multissimos serões, permitem-me recordar que Adriano foi precisamente o primeiro imperador que auctorizou o uso da barba longa. Porisso, quando escrevi que Antinoo, sacrificando-se nas aguas do Nilo, fora uma Ephigenia... de barbas, não o fiz por mera distincção de sexo, mas plenamente convencido de que ao favorito de Adriano deu-lhe realmente a agua pela barba quando se afogou.)

Ora Adriano teve tal dôr pela morte do favorito que o chorou mulherilmente. Levantou-lhe estatuas em Mantineia, e Jerusalem e muitas outras partes e fundou uma cidade no sitio onde Antinoo se lhe sumiu nas ondas, cidade a que deu o nome de Antinopolis—Antinoe.

Mas que tem tudo isto com a pinha e os pavões da *Mole Adriana*?—perguntará o leitor.

Pitada, e respondendo:—Recordem a lenda de Baccho. Cadmo expulsa a filha Semelé, que houve de Jupiter o pequerrucho Baccho - de que Juno, esposa de Jupiter,

jurara a perda. Mas Baccho, naufrago, foi *salvo* das *aguas*, apezar das iras de Juno, e criado por nymphas veiu a ser aquelle Alexandre Braga que nós sabemos. Adriano parece ter tido especial devoção a Juno; tanto assim que narram os auctores que á Juno venerada no templo da ilha Eubéa fez presente dum enorme pavão de oiro cravejado de muitas e riquissimas pedras preciosas.

Deve o leitor saber que o pavão é a ave sagrada a Juno. Já o nosso padre Luiz Taborda, jesuita, cantava do pavão em bellos versos latinos:

Hic licet incessu credi Junonius ambit
Ales...

e a irada deusa, segundo se lê em Filinto Elizio, ameaçou um dia a sua ave, que se queixava do feio canto:

... ou não te queixes ou castigo-te,
Dispo-te a olhuda pluma!

Reconstruamos agora a historia a capricho:—Adriano perde o favorito; alça-lhe estatuas, liga-lhe o nome a uma cidade nova, manda-o inscrever no rol dos deuses — que tempos!—inflammando os coriscantes hexametros do poeta christão:

Quid loquar Antinuum coelesti in sede locatum
Illum, delicias nunc divi principis...

Mas sendo Adriano poeta—tão poeta que morreu dirigindo versos á alma—ao gizar o mausoleu ordenou que no alto se collocasse uma pinha, fructo do pinheiro, symbolo da morte, mas pinha espirrando agua, que recordasse as aguas do Nilo em que perecera o seu amado. Ao lado da pinha-fonte—dois pavões. Pavões, porque o pavão é o symbolo da immortalidade; dois, porque haviam de recordar os dois amigos que a morte separava, mas que a esperança na immortalidade unia.

Que o pavão era symbolo da immortalidade, vê-se nos auctores, em S. Agostinho, por ex. na *Cidade de Deus*. O santo bispo de Hippona fundava-se na tradição entre os antigos de que a carne do pavão não apodrece nunca. Nos funeraes de Ranucio I, Duque de Parma, numa das êças levantaram um pavão com a legenda: *Nunquam putrescet*.

Em Adriano accrescia uma circumstancia que lhe suggeriu a idea dos pavões: era ave sacra de Juno—e desde a morte do seu Antinoo, menos feliz que Baccho *salvo das aguas*, apezar dos cumes de Juno, o imperador, attribuindo a Juno, por causa da lenda, intervenção desfavoravel nos afogamentos, quis applicá-la offertando-lhe o pavão de oiro na ilha Eubéa, e erigindo-lhe aquelles dois no seu monumento funerario.

E não me objecte o leitor que é arbitraria esta intervenção de Baccho, salvo das aguas, na historia de Antinoo, morto nellas. Parece, na verdade, que Baccho entra na morte de Antinoo, como Pilatos no Crédo.

Permitta, porém, o leitor que lhe lembre que Adriano, como pagão que era, tinha a cabeça cheia das fabulas da mythologia. Quando Antinoo lhe morreu nas aguas do Nilo, especialmente se foi por desastre como muitos asseveram, como lhe não acudiria á memoria aquelle feliz Baccho salvo das aguas?

De resto, não é absolutamente infundada a minha conjectura. Na *Villa Adriana*, em Tibur, foi encontrada uma estatua de Antinoo, vestido de Baccho! Essa estatua, que hoje está na Sala Redonda do Vaticano, (n.º 540) pode o leitor vê-la reproduzida a pag. 93, do vol. V da citada obra de Duruy. E observe-se que o Baccho-Antinoo nessa estatua, é representado empunhando um thyrsos encimado... *por uma pinha!*

Se, depois disto, ainda não está convencido de que a pinha e os pavões do Vaticano pertenciam realmente á *Mole Adriana*—desculpe a franqueza: não é mais fino do que eu, que tambem não estou!

O bombardeamento da rua de S. Filipe Nery em Lisbôa, durante a revolta



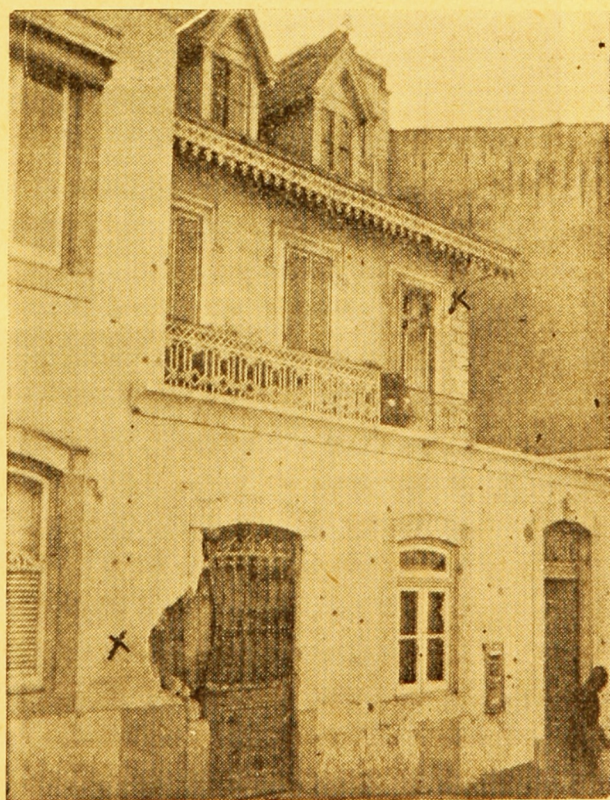
Uma granada dos revoltosos destruiu a paltibanda d'uma casa e furou a parede da outra



A sacada d'un prédio destruída por uma granada



O muro d'um quintal esburacado



Outro prédio bastante danificado



As trincheiras dos revoltosos no Parque Eduardo VII



Outro aspecto das trincheiras



A Redacção do *Mundo* apoz o assalto

Ph. Viriato Silva.



CABECEIRAS DE BASTO—O mosteiro e a Camara Municipal onde no dia da posse do administrador do concelho houve um conflicto entre monarchicos e democraticos



A cidade de Vizeu onde estava prezo Machado dos Santos. A guarnição e a divisão que pertenciam a esta cidade pozeram-se ao lado dos revoltosos apoz a libertação d'este official.



O illustre escritor Dr. Marcellino Mesquita, que alcançou mais um triumpho com a apparição da sua peça o «Envelher» n'um dos theatros de Roma.



D. Delphina Rosa d'Oliveira Cardoso Bellino, filha do Dr. João Antonio d'Oliveira Cardoso; nasceu em Guimarães no dia 29 de Abril do anno de 1849 e falleceu no dia 7 de Novembro de 1917; foi casada com o distincto archeologo sr. Albano Ribeiro Bellino, tambem fallecido.



Os soldados portuguezes signaleiros, em exercicio n'um campo de manobras em Inglaterra.

Portuguezes na guerra

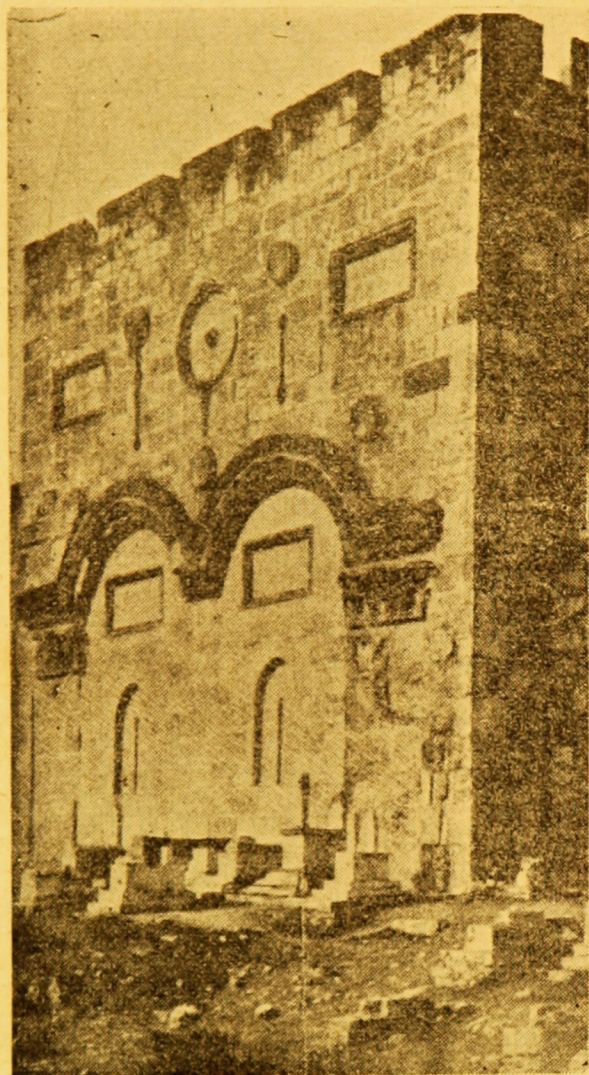


Os irmãos Manuel, Luiz e João Dias Catharino, naturaes de Peral, concelho de de Proença-a-Nova, que se encontram na frente portugueza.

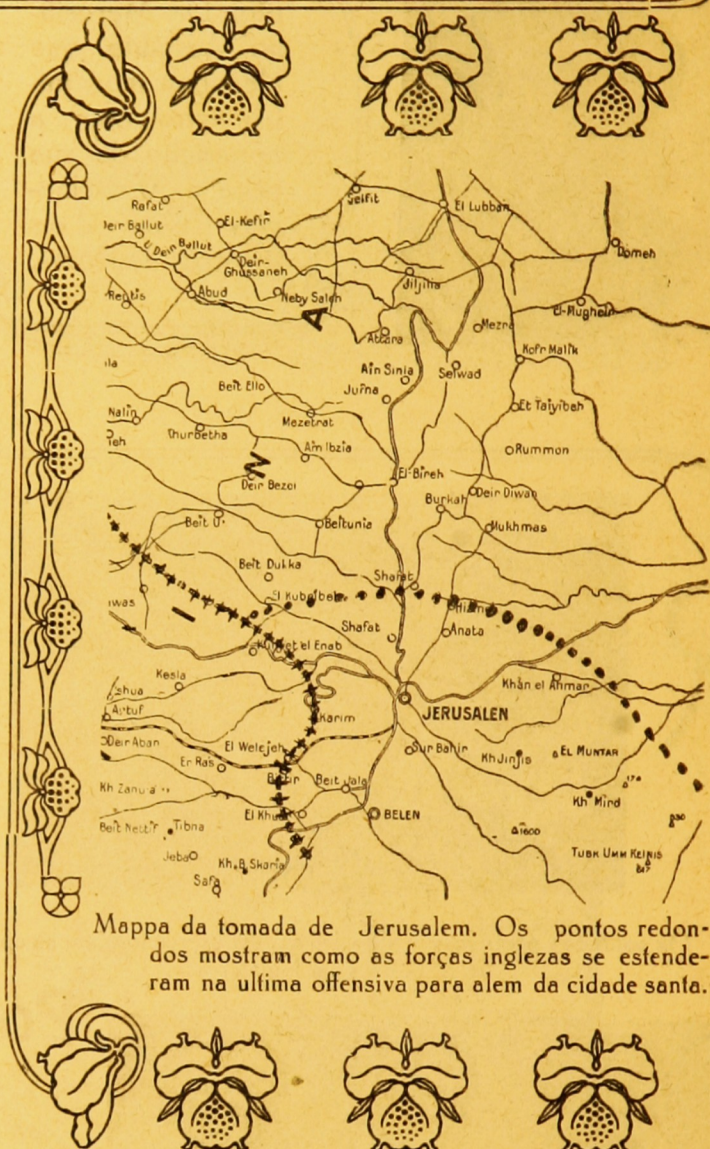


O capitão André Brun, illustre escritor que se encontra na frente occidental.

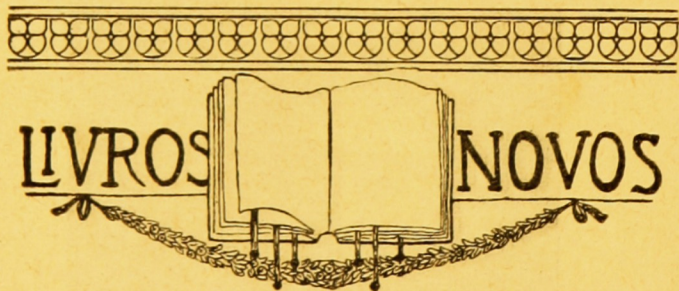
A Cidade Santa, libertada



A porta Dourada



Mappa da tomada de Jerusalem. Os pontos redondos mostram como as forças inglezas se estenderam na última offensiva para além da cidade santa.



Arte Romanica em Portugal

Os fasciculos numeros, 13, 14 e 15 acabam de ser publicados, impressos superiormente com gravuras do Ex.^{mo} Snr. Marques Abreu, que ha annos, com um esforço grandioso, tem vulgarizado os ricos monumentos da architectura romanica espalhados pelo nosso paiz.

Juntamente coma publicação dos trez fasciculos, inaugurou aquelle senhor a nova secção—*Detalhes*—que nos vem mostrar, por meio de desenhos, algumas particularidades desses monumentos onde não é facil a objectiva reproduzi-los.

Cumprimentamos o seu illustre director e desejamos-lhe uma feliz vida á sua bella obra.



—Não sei se já reparou como a minha filha olha para o senhor.

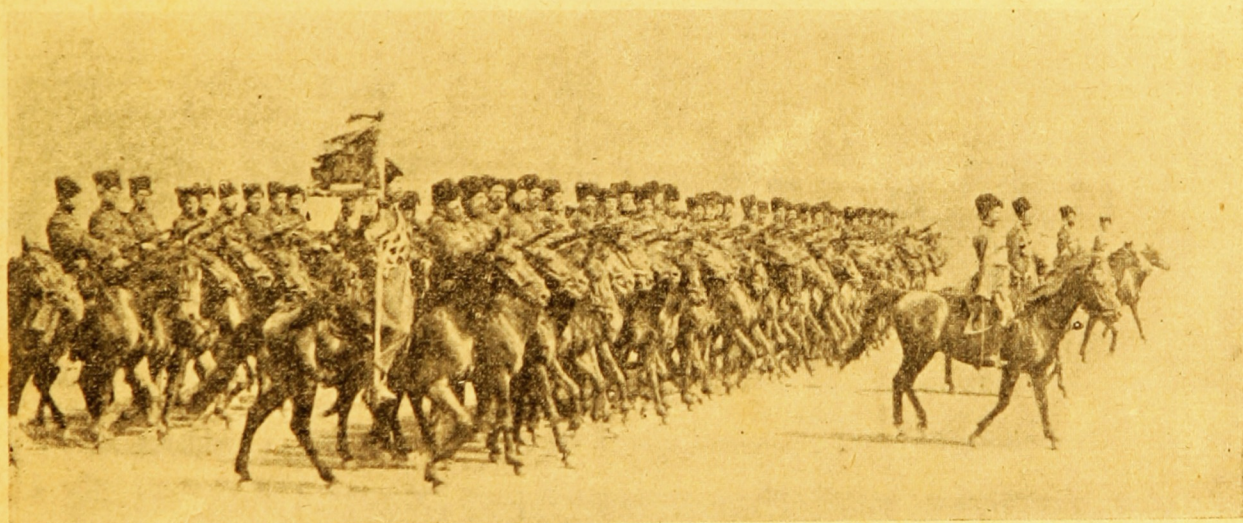
—Sim? Mas que felicidade!...

—Ainda hoje ao almoço ella me disse: «Era um homem como aquelle, que eu desejava para padraсто» ...

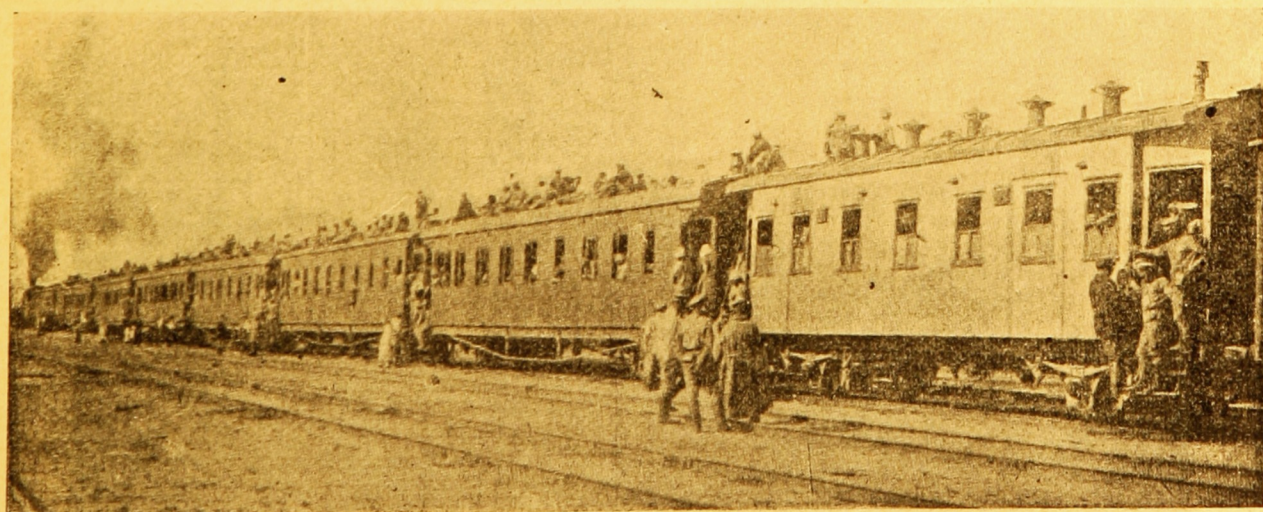
A revolução russa



Uma rua da cidade de Petrogrado que foi recentemente saquiada pelo exercito

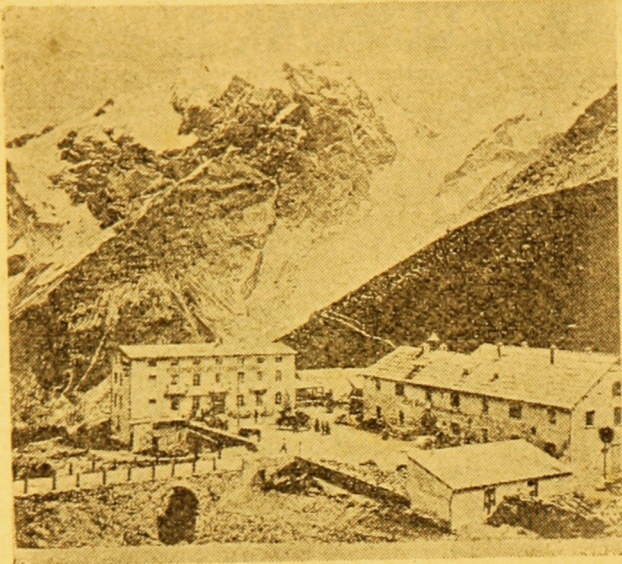


Os celebres cossacos que a revolução dissolveu

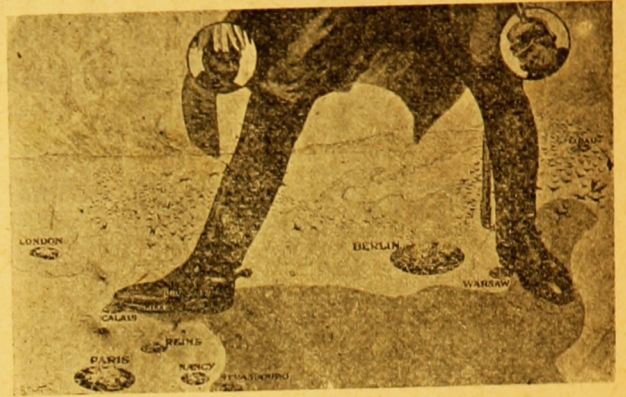


Um comboio militar conduzindo para os seus quartéis as tropas russas que se negaram a combater apoz a revolução

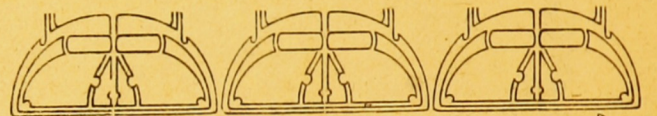
Das linhas de Fogo



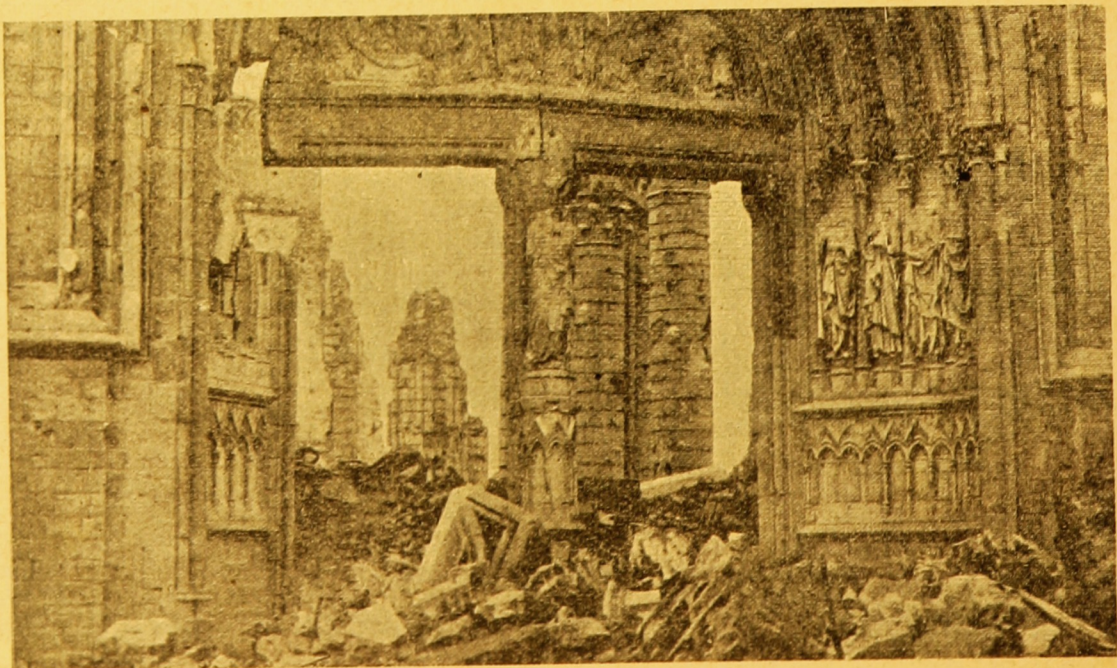
Uma povoação italiana perto das linhas allemãs onde se teem travado grandes combates



Os pés do moderno gigante de Rhodes



Os alinos italianos que se teem batido heroicamente contra os allemãs e austriacos



Ruinas da cathedral de Ypres

UM MILAGRE

(Poesia expressamente escripta em beneficio da Arvore do Natal de 1917 da Creche da Associação Catholica.



Offerta caritativa das Ex.mas Srs.as D. Palmira M. de Azevedo de Araujo e Gama, D. Julita M. de Azevedo de A. e Gama, D. Carlota M. de Azevedo de A. e Gama

Quando rompeu a alvorada,
Abriu os olhitos bem,
Volvendo-os, muito espantada,
Como que á busca d'alguem . . .
E apenas viu, regelada,
A face morta da mãe.

Cheia d'angustia e de medo,
Esperou que o sol rompesse . . .
Talvez tivesse o segredo,
O bom segredo tivesse
De dar vida, rosto lêdo,
A quem immovel jazesse.

Mas o sol rompeu soberbo
E a morta não se mexeu . . .
Sim, com o sorriso acerbo
Do infeliz que pede o ceu,
Sem vida em musculo ou nervo,
Porque deveras morreu.

Levantou-se a desgraçada
Com o olhar pungente e afflicto
E, convulsa, desvairada,
Arrancou da alma um grito
Que abalou toda a morada
E até montes de granito.

Ouviram. Mas o soccorro
Foi levar, d'aquella palha,
Para um campo, atraz d'um morro,
Onde humilde tocha espalha
Seu fraco e timido jorro,
A morta em pobre mortalha.

E, descido o corpo á valla,
Regressa a filha á choupana
Onde tudo inda lhe falla
Da mãe. E, livida, insana,
Julga que o peito lhe estala
N'aquella dor sobrehumana.

Sósinha, na indiferença
De tantas almas de gêlo,
A desgraçada nem pensa . . .
Vai, desgrenhado o cabelo, . . .
Com amargura tão densa,
Que o olhar faz lástima o vê-lo.

Como estátua da desgraça,
Toda em lagrimas, caminha,
E pede esmola a quem passa . . .
Mas d'ella não se avisinha
Quem lhe adoce a amarga faça,
A miseria - coitadinha!

Ninguem!... E a noite não tarda...
Dentro em pouco, a miseravel,
Sem fugurio nem mansarda,
Vê a noite impenetravel . . .
Ah! corre, ó Anjo da Guarda
Com teu auxilio ineffavel!

Fazia um frio cortante,
A fome dava a vertigem
D'uma loucura constante . . .
E n'esse horror, tinha origem
O peccado degradante
Que arrasta os que mais se affligem.

Passou n'isto um libertino;
Tinha tudo o que seduz.
O que impelle ao desatino . . .
Perdida?! . . . Mas dôce luz
Vem, n'um milagre divino,
Lembrar-lhe Jesus e a Cruz.

E então corre, cambaleia,
Mas dá-lhe tal nervo a Fé,
Que, digna d'uma epopeia,
Se arrasta, parando ao pé
D'um hospicio, casa cheia
De tanta luz como a Sé.

Bate, e diz que é desgraçada;
Que não tem leito nem pão;
Que é orphã, desamparada;
Que debalde estende a mão
A' caridade, na estrada,
De frente rasa no chão.

E responde-lhe, amorosa,
Uma voz, toda bondade:
—Pão e leito, desditosa,
Tens aqui na santidade!—
Era, calma e generosa,
Uma IRMÃ DE CARIDADE!...

José Agostinho.

Depoimentos sobre a guerra

Por MANUEL SEMBLANO

Kerensky

Deposto o Czar o Imperio dissolveu-se. O principio monarchico tivera o condão feliz de manter em respeito as doutrinas separatistas. *Todas as Russias* viviam colligadas de baixo do mesmo sceptro.

Veio a Republica. A Finlandia declarou-se independente. A Polonia, dividida por tres grandes nações, concentrou-se para formar uma só. A Ukrania despediu-se do governo de S. Petersburgo. Os cossacos do *Don* escolheram um *hetman*, que desobedece a todas as ordens do governo central. A Sibiria isolou-se, proclamando a soberania. Outras provincias começam a imitar o exemplo.

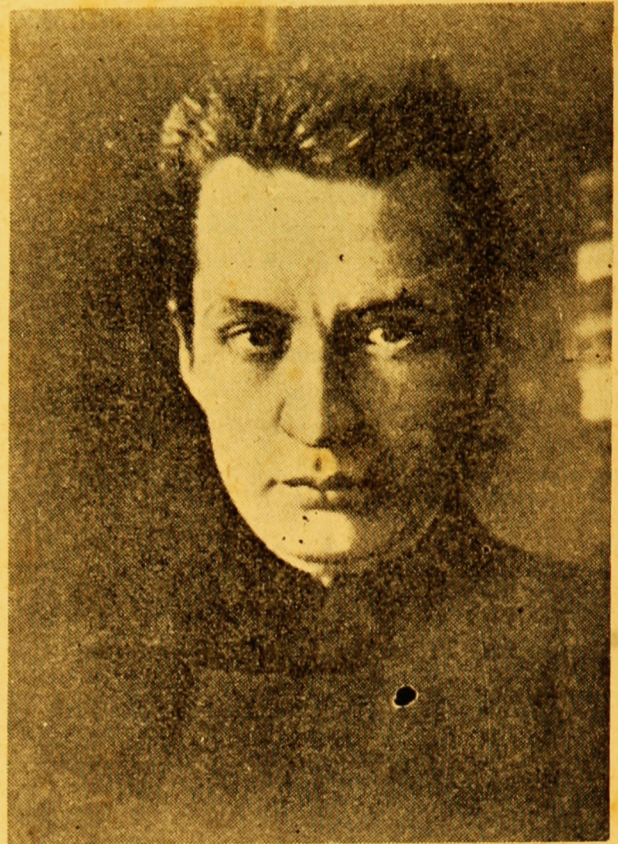
Emquanto a Russia foi Imperio não faltou o elemento de cohesão indispensavel para unir, sob a auctoridade d'um chefe, tantas raças e tantos povos differentes.

Estalou a Revolução. Proclamou-se a Republica. Veio a desordem, a anarchia, a indisciplina geral. Do ministerio Lwoff á dictadura Kerensky vae um passo. Mas durante esse passo a vida nacional desorganizou-se por completo. O exercito que por vezes resistira energicamente ao avanço allemão dissolveu-se. Os soldados vindos da frente de batalha, embriagados de alcool e transidos de fome, com a cabeça a refterver de nihilismo, mataram, saquearam, incendiaram...

A' guerra com o estrangeiro succedeu a guerra civil. Os alliados com uma inepcia vergonhosa, depois de terem abandonado e atraçoado o Imperador, cruzaram os braços. Nos seus parlamentos estafaram-se a dar vivas á Revolução libertadora, proclamando Kerensky o heroe nacional. Mas breve começaram a sentir os seus erros. Os contingentes americanos iam invariavelmente para o fundo do mar. A Allemanha e a Austria organizavam contra a Italia a "*straffe-expedition*.. Sem cuidado de commando as tentativas dos generaes de Maistre e Byng para forçar a linha *Hindemburgo* resultaram inuteis e improficuas.

E' então que os alliados se voltam para a Russia a injuriar a sua fraqueza de leão moribundo. A ruptura fulminante de Plezzo accirrava a questão. Um correspondente especial da *Associated Press* em S. Petersburgo dirigiu-se ao Palacio de Inverno para entrevistar Kerensky.

«Seria verdade, como diziam os viajantes chegados á Inglaterra, que a Russia estava praticamente fóra do conflicto?»



Kerensky, o idolo de de Buchanan e Lloyd George, desatou a rir e foi com altivo patriotismo e desdenhosa nobreza que respondeu :

«E' uma pergunta ridicula. A Russia toma uma enorme parte na guerra. Basta recordar a historia. A Russia começou a guerra. Emquanto ella combatia já, a Inglaterra preparava-se simplesmente e os Estados Unidos apenas observavam. A Russia sustentou ao principio todo o pezo da guerra, salvando assim a Grã-Bretanha e a França. Têm pouca memoria as pessoas que affirmam que ella está fóra do conflicto. Combatemos desde o principio. Estamos agora cansados e temos o direito de exigir que os alliados sustentem sobre os seus hombros a parte mais pezada do encargo.»

Presentemente a opinião publica na Russia anda muito agitada com a seguinte pergunta: *Onde está a grande esquadra ingleza, agora que a esquadra allemã sahiu do Baltico?*

... Isto foi a dois de novembro. Pouco depois elle cahia ruidosamente, como cahem todos os tyrannos. Mas durante a sua curta e funesta politica foi ao menos uma vez patriota e sincero.

A ripostada ao jornalista yankee é ironica mas verdadeira...

(Vid. *The Times weekly editon*, 9 de novembro 1917.)

LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29

Telegramas:— **CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapeuta *Mgr. Kneipp*.

EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.

EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.

EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*

Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

OFFICINAS

—DE—

Esculptura em Madeira

—E—

PINTURA

Teixeira Fanzeres

RUA DO SOUTO 134—BRAGA

N'estas conhecidas officinas, executam-se com a maxima perfeição, imagens desde a miniatura ao tamanho natural. Esculpturas com magnifica pintura. Tem sempre em deposito um variado sortido de imagens, bem como banquetas, douradas, belas automaticas, jarras, sacras, sanctuarios, crucifixos e outros artigos religiosos. Encarrega-se em todo o paiz de altares, tribunas, decorações em qualquer estylo, e de todos os trabalhos pertencentes a este ramo d'arte.

Perfeição e nitidez em tudo

Preços modicos

Contra riscos e guerra terrestres
e marítimos, grèves, tumultos e roubos.
segura a *Companhia Luzo-Brazileira*
de Seguros

SAGRES

Séde — Lisboa, Largo S. Julião
19-2.º—Tel. C. 2961. Banqueiros: Pinto & Sot-
-Maior. — Agente em Braga, Amares, Povo-
de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

José de Faria Machado

Rua do Souto-105 1. BRAGA

Luneta de Ouro

Officinas de esculptura, encadernação e con-
cer- tos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.

Artigos religiosos, imagens, paramentos Har-
moniuns, oculos, pincenez, binoculos, cutelaria,
optica e artigos de phantasia.

Aurelio Monteiro & C.^a

Rua do Ouvidor, n.º 123

Caixa postal 1588—RIO DE JANEIRO

Telephone 5593, Norte

«Illustração Catholica» vende-se nesta casa,
Numero avulso 300 rs. (moeda braz leira)

Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos «Echos do Minho», e officinas de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com maxima rapidez, perfeição, e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.^e Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA